



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

VANESSA DE LIMA FERREIRA

***CARMILLA, A VAMPIRA DE KARNSTEIN: O GÓTICO E A SEXUALIDADE
DESVIANTE NA NOVELA DE SHERIDAN LE FANU***

**GUARABIRA – PB
2019**

VANESSA DE LIMA FERREIRA

***CARMILLA, A VAMPIRA DE KARNSTEIN: O GÓTICO E A SEXUALIDADE
DESVIANTE NA NOVELA DE SHERIDAN LE FANU***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Letras Inglês

Orientador: Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383 Ferreira, Vanessa de Lima.
Carmilla, a vampira de Karnstein [manuscrito] : o gótico e a sexualidade desviante na novela de Sheridan Le Fanu / Vanessa de Lima Ferreira. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Auricélio Soares Fernandes . Departamento de Letras - CH."
1. Literatura. 2. Sexualidade. 3. Lesbianismo. 4. Vampiro.
I. Título

21. ed. CDD 372.372

VANESSA DE LIMA FERREIRA

CARMILLA, A VAMPIRA DE KARNSTEIN: O GÓTICO E A SEXUALIDADE DESVIANTE
NA NOVELA DE SHERIDAN LE FANU

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Letras Inglês.


Área de concentração: Letras Inglês.

Aprovada em: 27/11/19.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. M^a. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. M^a. Isabela Christina do Nascimento Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, e aos meus guias espirituais por toda força de vontade e perseverança. Quero também agradecer à minha família por todo carinho.

À minha mãe Maria Aparecida, por todo apoio e carinho, por sempre buscar me entender nos momentos difíceis durante a graduação, pelas palavras de incentivo.

Ao meu irmão, e meus dois pais que me ajudaram na minha formação como pessoa, meu eterno carinho.

Registrar também o meu carinho pelos meus avós, Maria José e Pedro por serem tão amorosos e atenciosos.

E a minha gratidão e admiração pelo meu orientador Auricélio Soares, por sempre estar aberto a diálogos, e a me guiar com ótimos conselhos, obrigada por todo carinho!

Quero agradecer a Waleska pela paciência e todo carinho durante o tempo de produção, todo o incentivo, obrigada pela confiança, a você todo meu amor!

E para minha segunda família a corte da mãe Júniar, meu carinho por vocês é enorme: Taísa, Júnior, Jack, Ananda, Júlio, Cidinha e Jersey. Obrigada pela amizade durante toda a graduação.

Agradecer a minha turma 2015.1 pela construção de amizade, e apoio que cada um passou. Em especial a Glenda, Júnior, Taísa e Cidinha, vocês foram essências durante todo os quatro anos de curso, obrigada por todas risadas e por todos os trabalhos em grupo, não foi fácil.

Por fim, agradeço a todos os professores e a coordenação de Letras da UEPB. Principalmente aos meus quatros professores que foram maravilhosos em sala de aula Auricélio Soares, Clara Vasconcelos, Isabela Sousa e Vilian Manguiera e aos demais ao longo do percurso. Agradeço a todas as pessoas que surgiram durante esse tempo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	06
2 SOBRE VAMPIROS E O GÓTICO	09
3 A SEXUALIDADE FEMININA E O <i>QUEER</i> EM <i>CARMILA</i>	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

**CARMILLA, A VAMPIRA DE KARNSTEIN: O GÓTICO E A SEXUALIDADE
DESVIANTE NA NOVELA DE SHERIDAN LE FANU**

Vanessa de Lima Ferreira*

RESUMO

Desde sempre a sociedade nos impõe inúmeras regras que vão desde a maneira de nos vestirmos até a forma como nos comportamos sexualmente. Nesse sentido, entendemos que o vampiro tem o poder de transgredir os valores morais e sexuais dos modelos patriarcais que predominam em uma sociedade. Esse artigo tem como objetivo levantar uma breve discussão sobre como a novela gótica vitoriana *Carmilla* transgredir esses valores morais e sexuais dos modelos patriarcais que prevaleciam na Era Vitoriana. Além disso, pretendemos discutir a relação entre a sexualidade da personagem Carmilla e o seu destino na narrativa, enfatizando assim questões sobre o seu relacionamento com Laura e compará-los à sexualidade desviante em relação à sociedade vitoriana. Assim, procuramos dar visibilidade à sexualidade e a quebra dos padrões do período Vitoriano sobre a personagem. Portanto, analisaremos a novela vampiresca *Carmilla*, de Joseph Sheridan Le Fanu, com o intuito de observarmos a postura transgressora da personagem Carmilla, enfatizando o lesbianismo dentro da obra literária gótica. Dessa maneira, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter analítico. Como embasamento teórico utilizamos autores como: Del Priore (2006), Foucault (1988), Louro (2000), Rossi (2008), Santos (2019). Constatou-se que a sexualidade da personagem Carmilla constitui-se como desviante, uma vez que a heterossexualidade é a única orientação aceita pela sociedade. Em suma, concluímos que a novela gótica *Carmilla* retrata um relacionamento lésbico latente ousado para os padrões da época, tendo em vista que a homossexualidade sempre foi concebida como subversiva.

Palavras-chave: Literatura. Sexualidade. Lesbianismo. Vampiro.

ABSTRACT

Society has always imposed on us countless rules ranging from the way we dress to the way we behave sexually. In this sense, we understand that the vampire has the power to transgress the moral and sexual values of the patriarchal models that prevail in a society. This article aims to raise a brief discussion about how the Victorian Gothic novel *Carmilla* transgresses these moral and sexual values of the patriarchal models that prevailed in the Victorian Era. Also, we intend to discuss the relationship between Carmilla's sexuality and her fate in the narrative, thus emphasizing questions about her relationship with Laura and comparing them to deviant sexuality about Victorian society. Thus, we seek to give visibility to sexuality and the breaking of Victorian period patterns about the character. Therefore, we will analyze Joseph Sheridan Le Fanu's vampire novel *Carmilla*, to observe Carmilla's transgressive stance, emphasizing lesbianism within the Gothic literary work. Thus, the study consists of bibliographical research of analytical character. As a theoretical basis, we use authors such as Del Priore (2006), Foucault (1988), Louro (2000), Rossi (2008), Santos (2019). It has been found that Carmilla's sexuality is deviant since heterosexuality is the only orientation accepted

* Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Inglês, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III Guarabira/PB.
E-mail: vamiliky@gmail.com

by society. In short, we conclude that the Gothic novel *Carmilla* portrays a bold latent lesbian relationship by the standards of the time, given that homosexuality has always been conceived as subversive.

Keywords: Literature. Sexuality. Lesbianism. Vampire.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, discutir sobre a sexualidade tornou-se uma forma de tentarmos conhecer um pouco mais o indivíduo; o que antes era considerado como tabu, hoje, felizmente, vem ganhando uma considerável visibilidade perante a nossa sociedade. Com isso, buscar compreender melhor a sexualidade e, conseqüentemente, o indivíduo, tornou-se um dos pontos importantes para o nosso contexto. A partir dos movimentos sociais, impulsionou-se cada vez mais as relações sobre os direitos humanos; exemplo disso é o movimento LGBTQI+, que luta pelos direitos igualitários dessas minorias, que se intensifica no final da década de 1960 nos Estados Unidos.

Nesse sentido, os estudos sobre a sexualidade vêm ganhando cada vez mais credibilidade nas áreas acadêmicas. No entanto, discutir tais questões nem sempre teve esse espaço. A própria sociedade nega as mais diversas práticas sexuais e condena a multiplicidade sexual sempre que essa se afasta da heterossexualidade que é o único modelo que a nossa sociedade reconhece. Segundo Allan Johan (2007)¹, entre os séculos III a.C. e XVIII, relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo eram comuns, principalmente entre homens. Na arte, heranças da cultura helenística levaram alguns escritores a se inspirarem para a construção de grandes obras literárias como por exemplo, o poeta e dramaturgo Inglês William Shakespeare através de uns dos seus mais famosos sonetos, o soneto XVIII, no qual o eu lírico descreve uma figura masculina. É neste soneto que o eu lírico retrata a eternidade que envolve esse amor:

Mas em ti o verão será eterno
E a beleza que tens não perderá;
Nem chegarás da morte o triste inverno:

Nestas linhas com o tempo crescerás.
E enquanto nesta terra houver um ser,
Meus versos vivos te farão viver.

William Shakespeare (MANFRERE, 2015)

Nos versos acima, observamos o quanto o eu lírico expõe essa admiração, deixando, por assim dizer, que só em “ti” tudo será eterno, e que nada fará com que ele morra, que com o tempo tudo cada vez mais florescerá. Desse modo, a beleza que ele tem não deixará de existir, será belo para sempre através dos versos que o eternizarão. Dessa forma mais singela, o eu lírico vai afirmando essa certeza que o amado nunca será esquecido além do tempo, e

¹Para mais informações: Cf. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix/>. Acesso em: 13 de julho de 2019. Às: 19h 20min.

que nessa terra a cada vez que um ser proclamar seus versos será uma forma de não ser esquecido.

Segundo Foucault, em *História da sexualidade* (1988), na Inglaterra Vitoriana, por vezes, a sociedade temia e combatia a sexualidade. Cada vez mais os escritores mostravam interesse em escrever sobre a sexualidade em suas obras literárias e por isso, buscaram desenvolver obras com elementos do gótico e que por muitas vezes abordavam, em entrelinhas, a sexualidade e suas mais diversas formas. Hoje, autores renomados da literatura Inglesa como Sheridan Le Fanu, considerado precursor das histórias de horror gótico da era vitoriana, assim como também Oscar Wilde, Mary Shelley e Henry James, abordava questões acerca da sexualidade naquele período.

Por isso, decidimos levantar uma breve discussão sobre a novela gótica *Carmilla* (1872), de Joseph Sheridan Le Fanu, uma vez que é uma trama que nos leva a perceber a orientação sexual da personagem protagonista como desviante e transgressora para o período. *Carmilla* também traz personagens peculiares, criaturas ancestrais, amor e repulsa, é uma novela que aborda sedução e horror, mas, apesar da presença de seres sobrenaturais, é visível a sexualidade transgressora, o desejo sexual por mulheres, fato esse que vai contra os padrões da era vitoriana, como tantas outras obras daquela época mostraram, como por exemplo: *O médico e o Monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson, *Drácula* (1897), de Bram Stoker, *A volta do parafuso* (1898), de Henry James. Desse modo, buscamos construir uma pesquisa bibliográfica de caráter analítico. Sobre esse tipo de pesquisa identificamos que se caracteriza como:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (BOCCATO, 2006, p. 266 apud PIZZANI; SILVA, et al, 2012, p. 54).

A pesquisa bibliográfica tem como característica principal embasar teoricamente e proporcionar a discussão sobre o tema escolhido, assim como também nos apresentar o que já foi escrito e discutido sobre a temática com qual nos propomos destacar no trabalho acadêmico. Portanto, como diz Gil (2002): “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Também achamos conveniente inserir esse tipo de pesquisa, essa leitura analítica, “na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno no âmbito de um grupo” (FONTELLES; SIMÕES, et al, 2009, p. 06).

Por tanto, iremos procurar analisar a personagem e aspectos sobre a sua sexualidade diante do contexto no qual a obra foi escrita e contextualizada, e como ressalta Gil (2002): “A leitura analítica é feita com base nos textos selecionados. Embora possa ocorrer a necessidade de adição de novos textos e a supressão de outros tantos, a postura do pesquisador, nesta fase, deverá ser a de analisá-los como se fossem definitivos” (GIL, 2002, p. 78). Assim entendemos que esse tipo de pesquisa é de extrema importância para a exposição do nosso trabalho, pois a análise que nos propusemos a fazer condiz com essa seleção de textos que se adequam a nossa proposta. Através dessa pesquisa, procuramos a melhor maneira de expor os estudos na área que demonstramos interesse acadêmico.

De forma geral, esse artigo tem como objetivo analisar a novela *Carmilla* e a sexualidade da personagem principal aliados a elementos do gótico *queer* na Era Vitoriana, época de lançamento da obra. Além disso, pretendemos discutir a relação entre a sexualidade da personagem Carmilla e o seu destino na narrativa, lançando assim questões sobre o seu relacionamento com Laura e compará-los à sexualidade desviante apresentada na narrativa e na sociedade vitoriana.

Na literatura, não é difícil de encontrar personagens que se enquadrem dentro dessa abordagem da sexualidade, e com isso a literatura por muitas vezes pode refletir a própria sociedade, e como podemos compreender os desejos humanos através da sexualidade.

A sexualidade, durante muito tempo foi vista como ato profano e, no mais com o advento do cristianismo como a forma de reprodução, e não como forma de prazer e de expressão humana. Algumas igrejas até os dias atuais condenam qualquer manifestação sexual que não tenha a função reprodutiva. Exemplo disso, é a proibição do uso de contraceptivos, o sexo antes do casamento ou mesmo a homossexualidade.

Quando pensamos na narrativa gótica, ou no gótico, o nosso consciente coletivo logo nos remete a escuridão, terror, mistérios, presenças de seres sobrenaturais, entre outros. A atmosfera gótica assombrou o século XVIII e obscureceu o idealismo e o individualismo romântico, e até mesmo o realismo e a era vitoriana. A ficção gótica perpetua até os dias atuais com os seus mistérios e narrativas com incidentes de horror, monstros, demônios e por muitas vezes crimes violentos.

Com o intenso desenvolvimento do capitalismo industrial, da ciência e tecnologia nas sociedades ocidentais e conseqüentemente ao aumento da população, crimes, degeneração moral na segunda metade do século XIX, foi de forma certa representada na literatura inglesa nas obras dos escritores que citamos. Nesse sentido, a repressão moral e sexual no contexto

vitoriano passa a ser frequentemente abordada, sobretudo em *O retrato de Dorian Gray*, *Drácula*, *Carmilla* e outros escritos denominados como gótico *fin-de-siècle* ou *gothic queer*.

Com isso, a narrativa gótica e a sexualidade se tornam um assunto notório para os estudos literários. É nesse sentido que essa pesquisa se faz indispensável por colaborar com estudos sobre a orientação sexual da anti-heroína Carmilla, *a vampira de Karnstein*. Desse modo, pretendemos dar espaço às mais diversas ações que a personagem da trama nos presentearia com a sua sexualidade desviante tendo em vista o contexto da Era Vitoriana.

2 SOBRE VAMPIROS E O GÓTICO

A novela gótica *Carmilla* aborda o gótico *queer* e a sexualidade concebida como desviante, nos proporcionando uma melhor discussão sobre questões relacionadas, principalmente, à homossexualidade lésbica. Além do gótico já apresentar essa temática de horror, o vampiro traz todo esse poder sexual, e com ele, o sangue e o medo. A literatura gótica nos possibilita transitar entre o estado real para o irreal, que a nossa mente é aberta para deixar se levar com aquilo que nos causa medo, com a possibilidade de ser realmente verídico:

[...] O vampiro não é uma espécie aristotélica, estática no tempo e no espaço, mas darwiniana, sujeita à evolução, à adaptação aos vários ambientes culturais que habita. As características que o definem e as linhas de demarcação da espécie podem ser ocasionalmente tênues, visíveis apenas se analisadas sob a perspectiva de sua história evolutiva. Assim, o estudo de suas origens e do modo que se desenvolveram os diversos vampiros literários permite reconhecer linhagens diferentes dentro da espécie “vampiro”. Fazendo um paralelo com a classificação dos seres vivos, o Lord Ruthven, de Polidori, a Carmilla, de Le Fanu e o Gorcha de A. Tolstoi, seriam subespécies diferentes de uma mesma espécie (ARGEL & NETO, 2009, p. 50 apud OLIVEIRA, 2016, p. 52 e 53).

Como citado, o vampiro por ser darwiniano é sujeito à evolução. Esta é a forma mais clara e objetiva que podemos definir, pois sabemos que esse ser místico até os dias atuais é bastante popular na cultura de massa e também símbolo de medo e do horror. São nesses aspectos que a literatura retrata novos tipos de vampiros e novas maneiras de contar suas histórias.

É importante salientar que as histórias de cunho vampiresco são atemporais e que o gótico é abrangente a diversos gêneros; ele não só lida com o vampiro, mas com o fantástico, o horror, o terror, o insólito, o sobrenatural, entre outros, fazendo com que as apreensões do leitor aumentem ainda mais devido a criação de expectativas.

Então, de acordo com a concepção de Peixoto (2009), ele nos diz que:

[...] no século XVIII, e ao mesmo tempo que o romance se estabelecia como forma literária, houve, por parte de alguns autores, um interesse por tradições mais antigas

e orais, pelas sagas e baladas islandesas e pela literatura da Idade Média. Isto seria uma reação contra algumas das ideias do Iluminismo. Muito do imaginário do que futuramente se denominaria literatura gótica, existia já nos elementos sobrenaturais das baladas e nos excessos dos romances de cavalaria medievais. É na primeira metade desse século que aparece também a *Graveyard School of Poets*. Poetas como Thomas Parnell, Thomas Gray e Edward Young, que escreviam longos poemas meditativos sobre a morte e a imortalidade da alma, normalmente passados em cemitérios, lançaram algumas das sementes do movimento gótico. Os principais objetos poéticos destes autores eram os cemitérios, à noite, as ruínas, as almas penadas, a morte, todos eles futuros temas do romance gótico (Cf. PEIXOTO, 2009, grifo do autor)².

Assim, a literatura gótica traz uma carga histórica cultural, levando em consideração o estilo gótico como a arquitetura, que surgiu em meados do século XII, prevalecendo até o século XVI. Sendo assim, indo contra o Iluminismo. Desse modo, a construção gótica tem as configurações das baladas e romances de cavalaria medievais. Nesse sentido, o horror, prédios abandonados e o pitoresco, entre outros elementos, são caracterizações da literatura gótica.

Para mais, através das mudanças ocorridas há mais de 250 anos de existência de uma literatura denominadamente gótica, é importante ressaltar que:

[o] romance gótico expõe críticas à sociedade, de uma forma refinada e irônica. Em especial, o gótico literário comporta importantes discussões e questionamentos sobre determinados padrões sociais. O seu sucesso indica que uma parte considerável das pessoas que viveram na Inglaterra da Era Vitoriana partilhava do mesmo ponto de vista que os autores (LIMA & PEREIRA, 2018, p. 54).

Dessa forma, a literatura gótica tem dentre os seus propósitos o de criticar a sociedade e seu excesso de valores e costumes morais.

Por outro lado, Oliveira (2016) aponta que “o vampiro é hoje um reflexo do indivíduo contemporâneo. Além de se permitir viver em sociedade fazendo cair por terra o elemento solitário, é um ser que vive dilemas humanos, além de estar totalmente adaptado à sociedade, não só em seu comportamento, mas como na busca de formas alternativas para sobreviver” (OLIVEIRA, 2016, p. 53). Nesse contexto, a literatura gótica busca meios de enfatizar aspectos da sociedade, mostrando o que estava acontecendo naquele contexto social; assim, o gótico pode representar várias ferramentas que constituem o vampiro:

O gótico, dessa forma, vem colocar um toque de irracionalidade no nosso mundo tão real, tão organizado, tão lúcido, ao fazer-se surgir da própria realidade que tanto prezamos. Ele nos deixa, portanto, suspensos entre dois universos: o real e o imaginário (ROSSI, 2008, p. 55).

O autor aponta que a verdade que está por trás do ser sanguinário é a mesma verdade que perpassa ao longo dos séculos; nós buscamos o que é proibido, é o perigo que nos fascina. De certa forma, a literatura nos proporciona essa viagem através das palavras onde espaço e

² Para mais informações: Cf. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-gotica/>. Acesso em: 09 de junho de 2019. Às: 23h 40min.

tempo se tornam algo abstrato. Não há nada mais fascinante do que adentrarmos no desconhecido e cada história com caracterização gótica, seja ela vampiresca ou não, é sinônimo de descobertas:

[...] E assim, o gótico povoa tanto nosso mundo real quanto nosso mundo imaginário, permitindo que nosso senso comum responda de pronto à pergunta *o que é o gótico?* De maneira tão certa quanto são as histórias que nos causam medo, ou *são as histórias de terror e de horror, ou ainda são as histórias que se passam em lugares sombrios e aterrorizantes, normalmente castelos medievais abandonados e cemitérios mal-assombrados* (ROSSI, 2008, p. 58, grifos nossos).

Segundo Rossi (2008), precisamos saber também que o gótico pode ser tudo que nos causa estranheza, o que o patriarcado descreve como fora do padrão, assim, o gótico também é *queer*. Nesse sentido, é interessante destacar que as histórias de horror com características do gótico vitoriano são bastante populares no cinema e na televisão, porém com outras releituras e adaptações. São essas adaptações que chamam a atenção de muitos que não conhecem essas obras, a exemplo das várias releituras que temos de *Drácula* para o cinema: *Nosferatu* (1922), dirigido por F.W. Murnau, *Drácula de Bram Stoker* (1992), por Francis Ford Coppola e a mais recente, *Drácula: a história nunca contada* (2014), com direção de Gary Shore.

Posto isso, acreditamos que há uma valorização dessa temática que, de fato, atravessa gerações, e está sempre se renovando em busca de novos leitores. Para Rossi, essas histórias incorporam elementos sobrenaturais que agem sobre o mundo real.

Assim, encontramos em *Carmilla* configurações de uma sociedade tradicional. No entanto, a narrativa nos mostra uma inversão nos moldes sociais através de uma vampira com preferências desviantes, numa história que se passa na Estíria, em um estado da Áustria. Além de possuir elementos do gótico: “Diante dos portões do castelo, a floresta dá lugar a um prado irregular e pitoresco. À direita, uma íngreme ponte gótica em arco permite à estrada transpor um regato que serpenteia em meio às sombras densas da mata” (LE FANU, 2018, p. 08), podemos perceber que o espaço narrativo é caracterizado como sombrio e uma floresta com névoa aos arredores.

Nesses moldes, compreendemos que “[...] o romance vampiresco é símbolo de medo e horror. O desejo sexual do vampiro é saciado através da mordida e do sangue, e é o gatilho para sucessivos atos vampirescos” (SILVA & FERREIRA, 2019, p. 08). Ademais, quando adentramos nesse pensamento de Silva e Ferreira, percebemos esse desejo insaciável do vampiro por morder o seu escolhido (a), por sugar o sangue que aquele corpo pode oferecer, é porque ele, sente prazer em tal ato. Com isso, a mordida é símbolo do ato mais cruel e

prazeroso, simultaneamente, é com esse ato que ocorre toda a satisfação do predador. Além disso:

Os caninos temáticos que sustentam a ficção vampírica são: vida, morte, imortalidade, sedução, sexo, salvação e perdição, violência, terror e prazer, temas estes caros aos seres humanos. Em geral, são todos ricos, aristocratas, belos e magros. Não existe vampiro pobre, gordo e feio! As tramas se apresentam como narrativas em moldura: aparece um quadro quase teatral, uma cena, alguém se lembra de algo do passado e uma nova estória começa. Na Bíblia, explicitamente em Levíticos 7:27 o ato de beber sangue é duramente condenado: “Toda pessoa que comer algum sangue será eliminada do seu povo”. Este texto de Levíticos remete ao livro de Gênesis 9:4: “Carne, porém, com sua vida, isto é, **com seu sangue**, não comereis”. Portanto, no sangue está a vida. E a ficção vampírica é vermelha, há muito sangue em cada conto, uma gota de sangue em cada página, um pescoço a cada esquina, um olho vermelho sempre à espreita! (FERRAZ, 2013, p. 109).

Quando lembramos do vampiro, lembramos de todas as atrocidades que ele pode cometer. Então, Ferraz (2013) vem nos lembrar do quão poderoso é o vampiro, não só com o aspecto de força, mas, em suas riquezas, financeiramente, e também, fisicamente. Os personagens vampiros (as), segundo o autor, esbanjam elegância, títulos, sendo também, de classes privilegiadas. É evidente também em *Carmilla* esses traços citados por Ferraz. Vemos isso no seguinte diálogo entre Laura, Madame Perrodon e Mademoiselle De Lafontaine:

- Que acha de nossa hóspede? – Perguntei a Madame, assim que ela entrou. – Conte-me tudo. – Gostei muito dela – Madame respondeu. – Creio que é a jovem mais bonita que já vi. Tem mais ou menos a sua idade, e é muito gentil e educada. – Ela é absolutamente linda – opinou Mademoiselle, que tinha espiado o quarto da hóspede. – E tem uma voz tão doce! – Concluiu Madame Perrodon (LE FANU, 2018, p. 22).

Com essas concepções de Ferraz (2013), apontamos que a novela de Le Fanu evidencia as terminologias góticas do vampirismo, deixando claro que as características do vampiro em cada época que ele é retratado sempre estarão em um ciclo social de poder.

Nesse sentido, além do vampiro ser transgressor, ele também foge dos padrões sociais. É apossando-se dessas normas que ele chega ao seu objetivo final. Essa realidade, encontramos não só na literatura, mas também no cinema e nas séries contemporâneas atuais. Tomamos a exemplo: *The Vampire Diaries* (2009), que tem dois belos jovens, os irmãos Salvatore, residindo em uma mansão em uma cidade fictícia chamada *Mystic Falls*³, fundada pelos familiares dos mesmos. Essa marca que ocorre em relação aos vampiros não é só relacionada ao gótico, mas também ao belo, as tradições, riquezas e poder social:

O terror usado no século XVIII não é o mesmo tipo de terror usado hoje, mas a estratégia é a mesma: o terror. O gótico não substituiu suas ferramentas fundamentais por ferramentas novas a fim de representar a sociedade, sua modelação foi mais conservadora, mais sutil. É por isso que tivemos o gótico há três séculos e ainda o temos hoje: devido à sua habilidade única de codificar a realidade sem abandonar seus pilares essenciais (SANTOS, 2008, p. 07).

³ *The Vampire Diaries* se passa na cidade de *Mystic Falls*, no estado de Virginia, nos Estados Unidos. (HENRIQUES, 2016, p. 41).

Nesse caso, Santos (2008) vem nos reafirmar essa realidade entre a literatura gótica do século XVIII com os dias de hoje, pois o gótico da atualidade formou-se da originalidade idealizada no Romantismo do final do século XVIII. E apesar das narrativas de natureza gótica do século XXI serem geradas dentro do cenário com tantas mudanças sociais, culturais e estéticas, parecem sempre dialogar com a tradição e sua vitalidade clássica.

3 A SEXUALIDADE FEMININA E O *QUEER* EM *CARMILLA*

Para entendermos sobre sexualidade precisamos entender o que ela representa. A sexualidade é ligada ao erotismo, o ato do sexo e o contexto social; ela é construída a partir da personalidade humana e a necessidade de receber as sensações prazerosas. A sexualidade, não se resume ao ato sexual, ela é a maneira de transmitir prazer, saciar desejos. Conforme vamos crescendo, descobrimos o estímulo provocado pelo contato sexual.

Na Era Vitoriana, a sexualidade foi um dos pontos que ocorreu algumas mudanças, como aponta Foucault (1988). A família tradicional entra em rigor com toda sua força, o sexo é visto como procriação, a maneira moldável de regular os padrões:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 1988, p. 09).

Deste modo, o modelo que o indivíduo deverá seguir é limitado. Construir princípios deixando o indivíduo sem direito a expor seus pensamentos, apontando o papel que ele poderá se amparar, generalizando o “corpo” e os seus significados, fazendo da sua orientação sexual mais um instrumento de cultura e privação. E, neste processo, o casal é pressuposto a delinear os aspectos sociais, com a finalidade de honrar a família tradicional, e somente apropria o sexo como ferramenta de procriação:

É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer — sejam atos ou palavras. As crianças, por exemplo, sabem-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado (FOUCAULT, 1988, p. 10).

Segundo Foucault (1988), debater sobre sexualidade ou demonstrá-la socialmente, de certo modo, era estritamente proibido. Nessa geração, falar ou praticar o ato é renegado perante a sociedade e qualquer modo de demonstração não é visto com bons olhos, por essa razão, predominou-se o silenciamento sobre esse assunto. Não devemos renunciar a

sexualidade, pois a mesma nos faz ser o que realmente somos, e essa insistência em camuflar o que verdadeiramente o indivíduo traz consigo, que são os seus desejos sexuais.

Marylin Frye (1983) no livro *The Politics of Reality: ensaios em teoria feminista*, discute sobre as lésbicas e o que elas representam na sociedade, apontando que: “Se você perguntar o que aconteceu com aquela mulher, eles provavelmente dirão que ela se tornou lésbica. E se você tentar descobrir o que é uma lésbica, eles dirão que esse tipo de pessoa não existe. No entanto, elas existem” (Cf. FRYE, 1983, tradução nossa⁴). É com esse pensamento que a sociedade visa retirar dela mesma as mulheres lésbicas e que para elas a heteronormatividade é o ideal a seguir, onde o centro do poder está na masculinidade.

Para dar continuidade às considerações sobre o termo lésbica, precisamos relembrar sobre uma poetisa grega Safo que viveu no séc. VII a.c. Mata (2009) revela que ela foi a primeira mulher a escrever sobre o amor entre mulheres e, por viver na ilha de Lesbos na Grécia onde o nome lesbianismo se desenvolveu, a ilha de Lesbos carrega hoje em dia esse significado: “o objeto é uma discussão do tema mulher, mais especificadamente quanto ao comportamento sexual “homossexual” feminino na ilha grega de Lesbos” (MATA, 2009, p. 01, grifo do autor). Esse fato se deu depois da sua existência e pelas descobertas dos seus trabalhos, que quase todos foram encontrados incompletos, e só alguns estão completos, um deles é o de A ÁTIS⁵: “Mas, ah, que triste a nossa sina! Eu vou contra a vontade, juro, Safo. “Seja feliz”, eu disse” (CF. SAFO, tradução de PIGNATARI, 1996). Podemos ver nesse pequeno trecho do poema, a descrição do fim do relacionamento com a garota:

O Safismo se revelou um assunto muito discutido quando mencionamos assuntos ligados à sexualidade, principalmente quanto aos fatos relativos às inclinações sexuais da poetisa Safo e sua contribuição enquanto valor histórico na compreensão das práticas sexuais entre mulheres na Antiguidade (MATA, 2009, p. 02).

Portanto, o lesbianismo na literatura é um tema antigo. No entanto, muitas vezes ainda é considerado um tabu. Nesse sentido, quando remete a esse assunto, automaticamente pensamos em homoerotismo, por haver essa relação com a sexualidade:

Essa nítida ignorância a respeito de tal assunto está refletida na maneira com que constroem suas personagens e no desfecho que dão às suas tramas, onde quase sempre a relação homossexual é vista como um desvio de conduta ou, quando menos, como uma espécie de “válvula de escape” (SANTOS, 2005, p. 1123).

Nesse caso, podemos salientar que *Carmilla* é um exemplo de desvio de conduta, por se tratar de uma novela que busca destacar as preferências sexuais de uma jovem vampira,

⁴ Para mais informações: Cf. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2002/06/06/ls-opinion.html>. Acesso em: 09 de junho de 2019. Às: 20h 30min.

⁵ Para mais informações: Cf. Disponível em: <http://zezepina.utopia.com.br/poesia/poesia08.html>. Acesso em: 15 de outubro de 2019. Às: 23h 32min.

aproveitando da sua única forma de alimentação para poder seduzir e matar seus desejos sexuais. Dessa maneira, Santos (2005) esclarece que a relação homossexual é vista como um desvio, algo que foge do que a sociedade permite, estabelecendo essa relação como válvula de escape que sai do sistema patriarcal de uma sociedade repressiva.

Além disso, a sexualidade e o *queer* andam juntos, pois são pontos de pauta para uma discussão social mais ampla. Na literatura, de forma direta ou indireta, o lado sexual sempre foi exposto, e hoje o termo *queer* virou forma de manifestação das minorias. Para discutir sobre essas perspectivas, precisamos entender o que é a teoria *queer* e o que ela representa para a sexualidade, principalmente se levarmos em conta um texto literário da era vitoriana, que trata sobre a sexualidade de duas mulheres, forma muito transgressora e desviante dos padrões sociais da época. Mas o *queer* hoje também é importante para discutirmos questões relativas à identidade sexual:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante-homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p. 07 e 08).

As questões ligadas à sexualidade humana sempre estão sendo discutidas em nosso cotidiano. No entanto, a nossa sociedade, privilegia a heterossexualidade como única maneira de se expressar sexualmente. Desse modo, as lésbicas, os *gays*, ou mesmo os bissexuais entre outros, são considerados desviantes por não se adequarem ao que a sociedade impõe como correto. “Quando acontece, novas formas que não sejam esse padrão social, ela se torna incomodada, é afronta e intolerável” (LOURO, 2004). Nesse contexto, o *queer* aborda as mais diversas maneiras de sexualidade desviante, e procurando sempre desmistificar os valores sociais:

Segundo Guacira Lopes Louro (2007), de acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar “outras” identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais. Revistas, moda, bares, filmes, música, literatura, enfim todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não-legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivo de escândalo. Na política de identidade que atualmente vivemos serão, pois, precisamente essas formas e espaços de expressão que passarão a ser utilizados como sinalizadores evidentes e públicos dos grupos sexuais subordinados. Sendo assim, se trava uma luta para expressar uma estética, uma ética, um modo de vida que não se quer “alternativo”, mas que pretende, simplesmente, existir pública e abertamente, como os demais (GARCIA & MIRANDA, 2012, p. 08).

Como vimos acima, as práticas sexuais que não fazem parte desse padrão são mantidas de forma sigilosa e vista com maus olhos. É nessa concepção que Mary Del Priore (2016), fala sobre a sexualidade no Brasil do século XIX e a intervenção da Igreja Católica: “as relações sexuais, tais como elas eram praticadas, com muita liberdade, e como a gente as encontram, relações homoeróticas, sodomia, sexo anal, sexo oral” (Cf. DEL PRIORE, 2016)⁶, ou seja, Priore (2016) declara que sempre existiram atos sexuais de diversas formas, porém essas práticas só poderiam acontecer com prostitutas, mas a mulher “pura” deveria seguir os manuais que a Igreja disponibilizava para os casais casados, e que essas práticas só teriam um único objetivo, a procriação:

Essa ética sexual se impôs com maior ou menor rigor, dependendo de épocas e lugares, por muito tempo. E impregnou as mentalidades. Ao associar sexualidade e pecado — o que se fazia até meados do século passado —, essa ética sexual impedia que amor e sexo dessem as mãos (DEL PRIORE, 2006, p. 10).

A partir do momento em que a Igreja prevalece sobre a sociedade, os preceitos exigidos começam a impor uma repressão sexual. O casamento é visto como a única forma de ato sexual; é a relação homem e mulher que se coloca no centro e os manuais chamados “confessores” vão ensinar os casais católicos a como ter relações sexuais. Portanto, o sexo que não fosse praticado pelos casais que não seguissem as normas habituais, era praticado em bordéis, onde a repreensão sexual era expurgada.

Nesse contexto, é importante ressaltar sobre o *queer* e porque falamos que ele anda junto com a sexualidade. O *queer* basicamente não é o que nós definimos, mas o que aparentamos perante os olhos de quem nos vê, é quando saímos dos padrões, é o que o patriarcado⁷ não definiu, por isso é importante trazermos reflexões sobre o *queer*, termo que “surgiu nesse contexto por volta dos anos 20 como adjetivo e nos anos 30 como substantivo. O seu uso nesse tom pejorativo foi, ao longo dos anos, acompanhado de vasta recriminação e violência” (ROSA, 2016, s/p).

Sendo assim, discutir sobre sexualidade pode gerar inúmeras discussões e problematizações em diversos vieses. Provavelmente, até a segunda metade do século XIX a literatura inglesa, não disponha de uma obra como esta que Le Fanu desenvolveu, que retrata uma narrativa gótica através da caracterização de uma personagem lésbica. Portanto, *Carmilla*

⁶ Para mais informações: Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fnw7yB7tYkU&t=342s>. Acesso em: 10 de julho de 2019. Às: 13h 10min.

⁷ **Patriarcado:** Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. (ZOLIN, 2019, p 219).

abre esse diálogo sobre o lesbianismo. Como Frota (2013) aponta, a relação homoafetiva não é algo explícito na novela, mas percebemos ao desenrolar da narrativa esse caráter subversivo:

Embora Michel Foucault (1988) reconheça que o regime vitoriano, de repressão a qualquer manifestação de sexualidade aberta, ainda se mostra influente na atualidade, é possível sugerir que a ficção vampírica tenha driblado o regime autoritário no século XIX ao elevar para a arte o tema da subversão. Explico-me justificando essa afirmação quando penso no tratamento dado a um tema polêmico (o lesbianismo) pelo autor irlandês Joseph Sheridan Le Fanu (2010), autor de “Carmilla”, que é considerada uma das primeiras narrativas de língua inglesa sobre o vampirismo (FROTA, 2013, p. 194).

Como evidencia Frota (2013), Foucault deixa claro as normas impostas pelo período vitoriano; à vista disso, a sexualidade foi direcionada para dentro de casa, entre quatro paredes. Assim, Carmilla procura sempre saciar seus desejos tanto alimentares e sexuais na calada da noite dentro do quarto, lugar privado que ninguém possa descobrir o ato sexual, a quebra de padrões.

Ainda, a cultura de uma sociedade dominadora já vem de longa distância e compreendemos que o ato sexual é algo natural do ser humano, o instinto aflorado da consciência, como podemos conferir em *Carmilla*. Ademais:

Segundo Michel Foucault (2015), os discursos da Era Vitoriana funcionavam como um símbolo de repressão e interdição do sexo. Assim, a moral conduzia a sexualidade por intermédio da família conjugal e heterossexual, legitimada pelas práticas sexuais de cunho reprodutivo e imposta como modelo e discurso de verdade. Carmilla, por não seguir esta expectativa e o que era esperado de uma jovem mulher, deve ser eliminada e silenciada por romper as normas e padrões de uma sociedade comandada por homens (MAIA, 2019 p. 263).

Esse fato, envolvendo as normas que os padrões vitorianos exigiam, era na verdade uma forma de repreender o sexo feminino. Maia (2019) ressalta que a personagem Carmilla não seguia as expectativas daquele contexto e nesse sentido é silenciada pela própria sociedade. Parece que o medo que a mulher se rebelde contra o patriarcado e de certa forma conquiste seu espaço é retratado apenas na narrativa sobrenatural.

Nesse entendimento, a obra de Le Fanu retrata uma sociedade e seus costumes e duas jovens que fogem dos mesmos. “Le Fanu sustenta uma percepção de lesbianismo diluída em algo torturante e codificado em um duplo sistema de significações binárias opacionais como prazer/desprazer; amor/ódio; alegria/raiva e proibido/desejável” (MAIA, p. 274). A ligação sobre esses opostos, são sensações que a personagem Laura tem sobre a sua convidada; é uma mistura de sentimentos que nem Laura sabe distinguir. Essa dualidade faz com que ela não saiba distinguir o que sente por Carmilla, se é amor ou medo. Portanto, “há um envolvimento emocional, físico e sobrenatural entre as duas personagens femininas” (MAIA, 2019, p. 274), partindo para algo a mais do que uma amizade.

Em vista disso, a história narrada por Laura nos leva a acreditar nas intenções lesbianas de Carmilla, para com a mesma e logo compreendemos que Carmilla tenta manipular Laura, além de exprimir desejos para além da amizade com essa. Logo, a vampira segue os passos da narradora desde a sua infância: “- Devo-lhe contar a visão que tive com você. É tão estranho que ambas tenhamos sonhado uma com a outra de modo tão vívido, que nos tenhamos visto como somos agora, quando à época éramos apenas crianças” (LE FANU, 2018, p. 25 a 26). Aqui, a confirmação que a personagem faz ao observar Laura desde a sua infância, então com isto, podemos pensar que Carmilla já vinha planejando o encontro das duas há um certo tempo. Mas só temos acesso à história a partir do ponto de vista de Laura, que é a narradora:

Assim sendo, consideraremos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, uma verdadeira câmera, ou-como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens (BRAIT, 1985, p. 43).

Ao analisarmos a personagem Laura como narradora, constatamos a afirmação que Brait (1985) faz em relação ao narrador-personagem. Esta descreve as personagens a partir de sua visão, todo o conteúdo se passa em sua volta, e vamos conhecendo a postura de cada um a partir dos seus relatos. Dessa maneira, deduzimos que a personagem Carmilla é interessada em Laura, por ela sempre citar o comportamento do dia a dia da sua hóspede em relação a ela:

Às vezes, passado um período de apatia, minha estranha e bela amiga segurava minha mão, que apertava com uma pressão afetuosa, renovada a cada tanto, enquanto enrubescia, fitando-me com olhos lânguidos e intensos, respirando tão rápido que seu vestido subia e descia com cada movimento convulsivo. Parecia o ardor de um enamorado, e me constrangia. Era odioso e, ainda assim, arrebatedor. Com um olhar de cobiça, ela me puxava para si, e seus lábios cálidos me enchiam a face de beijos, para em seguida sussurrar, quase em pranto: “Você é minha, e será sempre minha, você e eu somos uma para sempre.” Quando me soltava, eu tremia. Deixava-me cair de volta na cadeira, as mãos pequeninas cobrindo os olhos (LE FANU, 2018, p. 30 a 31).

Constatamos aqui as investidas de Carmilla para com Laura e veremos também que a própria Laura se incomodava com tal atitude, mas ao mesmo tempo não a recusava. Ela não sabia bem o que sentia em relação às tentativas de afetos mais íntimos com a vampira, porém, não deixava de observar os galanteios de Carmilla, estranhando que tal comportamento da mesma era de um enamorado e, por ela não estar acostumada a tal intimidade, aquilo a deixava sem ação para poder esboçar qualquer reação. No entanto, perceberemos um ato possessivo e erótico de Carmilla, quando ela enche a face da narradora de beijos e sussurra afirmando, que Laura sempre será dela, e assim as duas irão ser uma só. Nesse momento,

Carmilla demonstra todo o seu desejo sexual, deixando Laura confusa por fazer essa afirmação tão intensamente.

Dessa forma, a sexualidade de Laura é um assunto que não distinguimos, pois ela não faz revelações precisas e da mesma maneira que sente repulsa, ela não resiste a Carmilla, deixando-nos o sentimento e as relações entre ambas implícitos na narrativa de Le Fanu. Portanto, consideramos que esse sentimento é uma descoberta para Laura, pois ela nunca sentiu ou até mesmo foi cotejada tão claramente. Por já constatarmos aqui, que a sexualidade era uma questão delicada no período vitoriano, Sheridan Le Fanu não demonstra com tanto fervor um relacionamento concreto entre as duas personagens. Assim, a sexualidade de Carmilla é questionada pelo seu instinto predador, por somente atacar mulheres:

A personagem Carmilla dá início ao mito do vampiro na literatura universal. É descrita como uma vampira de beleza extraordinária que sempre se apaixona por suas vítimas femininas. Carmilla tem uma predileção por mulheres. No entanto, Sheridan Le Fanu opta por representar a sexualidade da vampira com muita discrição (MAIA, 2019 p. 273).

Logo, Maia (2019) enfatiza essa representatividade da sexualidade da vampira de Le Fanu, que é a sua opção por mulheres. Sendo assim, da mesma forma que o autor não representou a sexualidade de Laura explicitamente, ele também não revela para o leitor que Carmilla é lésbica, fazendo a personagem reservada e com poucas palavras. Carmilla tem a personalidade sedutora e em alguns momentos mostra saber mais do que fala, é misteriosa e de poucas amigas, desenvolvendo assim uma estranha devoção por Laura:

Carmilla tornou-se mais devotada a mim do que nunca, e seus estranhos paroxismos de lânguida adoração ficaram mais frequentes. Ela me fitava com ardor crescente enquanto minha força e meu ânimo se esvaíam, e esse aparente vislumbre de ansiedade me chocava (LE FANU, 2018, p. 48).

É inevitável não identificarmos o excesso de atenção que Carmilla oferecia à sua anfitriã, deixando claro seu interesse. Mas Laura fingia que não entendia o que esses sinais queriam dizer, pois com a riqueza de detalhes da sua narração nos faz pensar que a mesma sabe sua verdadeira intenção. É nesse momento que as suas forças já estavam desaparecendo e Carmilla mostra-se mais dedicada, pois esse era o método que Carmilla usava com as suas escolhidas: as envolviam com os seus encantos, sua beleza notável, depois com uma amizade calorosa. Nos momentos finais, Laura, a vítima, adocece de forma misteriosa, e sonhos horripilantes, morrendo aos poucos.

No mais, notamos que a sobrinha do general Spielsdorf, que foi a primeira vítima ao longo da narrativa, também apresenta os mesmos sintomas que Laura irá apresentar: “aparência e a saúde de minha filha querida começaram a deteriorar-se de um modo tão misterioso, tão horrível, que me apavorou” (LE FANU, 2018, p. 74). Portanto, fica

subentendido que a sobrinha do general também sofria de alguma enfermidade incurável, que não se tinha remediação.

Para podermos explicar essa espécie de ciclo vicioso que envolvia Carmilla e suas vítimas, precisamos considerar alguns pontos. Carmilla não somente escolhia a próxima vítima que seduziria com os seus encantos, como ela também promovia situações com a sua mãe para poder entrar realmente na vida das suas eleitas, por isso, a mãe sempre usava a desculpa que precisava fazer uma longa viagem e sua filha não poderia acompanhar por ainda estar indisposta. A exemplo disso constataremos duas situações, a primeira com Laura e a segunda com o general Spielsdorf e sua sobrinha:

Que fiz para merecer semelhante calamidade?, ouvi-a lamentar-se, de mãos postas, quando cheguei perto. “Cá estou, em uma jornada de vida ou de morte, em uma emergência tal que uma hora de atraso pode pôr tudo a perder. Minha filha não conseguirá recuperar-se o suficiente para retomar a viagem, sabe-se lá por quanto tempo. Terei de deixá-la, pois não posso e não ousa atrasar-me. A que distância está, senhor, a vila mais próxima? Devo deixar minha querida filha por lá, e não voltarei a revê-la senão ao retornar, daqui a três meses (LE FANU, 2018, p. 18 a 19).

Devo partir agora e viajar quase cento e sessenta quilômetros por uma rota tortuosa, com toda a urgência possível. Minhas perplexidades multiplicam-se. Apenas a discrição compulsória quanto a minha identidade desencoraja-me de fazer-lhe um pedido muito singular. Minha pobre filha ainda não recuperou as forças, desde que seu cavalo caiu com ela, enquanto assistia a uma caçada. Seus nervos tampouco se recuperaram do choque, e nosso médico diz que ainda por algum tempo em hipótese alguma ela pode se extenuar. Em consequência, para chegar aqui, viajamos em etapas suaves, uns trinta quilômetros por dia. Agora deverei viajar dia e noite, numa missão de vida e morte, cuja natureza crítica e preocupante só poderei explicar-lhe quando nos reencontramos, espero que em poucas semanas e sem a necessidade de qualquer disfarce (LE FANU, 2018, p. 69).

Destacamos, dessa maneira a semelhança entre as duas situações, corroborando assim a nossa confirmação de que Carmilla usa a mãe para poder conseguir aproximação. Desse jeito, entrando no convívio dos familiares das suas vítimas, sendo entregue por sua mãe como uma moça frágil e debilitada por causa de alguma enfermidade que a mãe sempre enfatizava, e também não se identificava para aqueles que a sua filha iria permanecer durante um tempo. Então, partindo para uma longa viagem, da mesma forma que ela não revela sua identidade ela também não conta a causa de toda a situação de urgência. Em vista disso, podemos perceber também, que nos dois acontecimentos é noite, e por ser noite, as angústias ficam mais visíveis. Nessa situação, a ansiedade que a personagem nos transmite é de aflição e desespero, sendo essa a melhor forma que ela encontra para conseguir enganar.

Desse modo, continuaremos as comparações dos acontecimentos dentro da novela *Carmilla*:

Vi mover-se, ao redor da cama, algo que a princípio não distingui bem. Logo percebi que era um animal negro, semelhante a um gato monstruoso. Devia medir por volta de um metro e meio, pois quando passou sobre o tapete em frente à lareira

tinha o mesmo comprimento dele. Ficou indo e vindo, na inquietação ágil e sinistra de um animal enjaulado. Eu não conseguia gritar, embora, como bem pode imaginar, estivesse aterrorizada. Ele se movia mais rápida, e o quarto escurecia mais e mais, até que a escuridão era tanta que viam-se apenas seus olhos. Senti quando saltou com leveza sobre a cama. Os dois olhos arregalados se aproximaram de meu rosto e de súbito senti uma dor fina, como se duas agulhas, distantes entre si uns cinco centímetros, perfurassem fundo meu peito. Acordei com um grito. O aposento estava iluminado pela vela acesa, e vi aos pés da cama uma figura feminina parada, um pouco para a direita (LE FANU, 2018, p. 45).

A princípio, tinha sonhos assustadores, e então passou a ser visitada, segundo dizia, por um espectro que assumia ora a aparência de Millarca, ora de uma fera indistinta, rondando ao pé de sua cama, de um lado a outro. Por fim vieram as sensações. Uma delas, peculiar, mas não desagradável, lembrava uma corrente de líquido gelado contra seu peito. Mais tarde ela sentia como se um par de grandes agulhas a perfurasse, pouco abaixo da garganta, com uma dor aguda. Algumas noites depois, sobreveio uma sensação de estrangulamento, gradual e convulsiva, e depois a inconsciência (LE FANU, 2018, p. 74).

Ao analisarmos a primeira citação, identificamos o sobrenatural nas primeiras linhas, a causa do medo da personagem, por se tratar de um animal dentro do seu quarto, animal esse que não é muito fácil de identificar, não sabemos ao certo se é um gato realmente ou uma onça preta, pois ambos são parecidos. O vampiro tem essa habilidade antropomórfica, com o poder de se transformar em qualquer animal, portanto, “Diz-se que alguns vampiros transformam-se em outros animais mais apropriados ao seu ambiente — chacais na África, cachorros selvagens indianos na Ásia e até mesmo ratos enormes em ambientes urbanos” (MASKMIA, 2011, p. 01)⁸. Ou seja, o vampiro não só se transforma em morcegos ou lobos, existem outras formas de metamorfose.

Ao lermos a segunda citação, vemos que a vampira não assume outras formas, mas sempre aparece perto da cama, sempre a contornando. Metaforicamente, podemos entender que é o desejo de Carmilla de possuir sexualmente Laura, pois a cama simboliza isso, o desejo sexual, o lugar onde o ato sexual é materializado. De acordo com Terapeuta (2012)⁹, a cama é símbolo de intimidade, do que é pessoal, ela está relacionada ao amor, ao sexo, nessa circunstância Carmilla não quer nada além do que dominar sua vítima sexualmente.

Assim sendo, reparemos que o ataque de Carmilla ocorre durante o sono, fazendo suas vítimas pensarem que estão sonhando. Na tentativa de entendermos um pouco mais sobre o sono, o inconsciente e a sua significação para o desejo, vejamos em Giovana Silva (2012) o que o pai da psicanálise Sigmund Freud nos diz:

Para Freud, o sonho é um exemplo privilegiado de um processo primário, pois é acompanhado de uma diminuição das necessidades físicas e por um desligamento

⁸ Para mais informações: Cf. Disponível em: <https://the-vampire.forumeiros.com/t41-metamorfose>. Acesso em: 12 de novembro de 2019. Às 14h 33min.

⁹ Para mais informações: Cf. Disponível em: <https://ahau.org/psicanalise-dicionario-de-simbolos-sonhos/>. Acesso em: 12 de novembro de 2019. Às 15h 43min.

daquilo que possa vir a ser externo. Portanto, a precondição essencial ao sono é o sonho, que é o pórtico real da psicanálise, pois através dele podemos compreender os sintomas, os mitos, as religiões e a obra de arte como expressão do nosso desejo mais íntimo (SILVA, 2012, p. 01).

De acordo com a citação acima, sono e sonho fazem parte de um momento no qual há um afastamento das coisas externas aproximando-se assim do interior, do que é mais intrínseco ao ser humano. Nesse sentido, a partir das ideias de Freud, através dos sonhos e, portanto, no momento do sono, podemos compreender alguns aspectos da realidade externa como se esses sonhos fossem uma espécie de explicação interligada a algum desejo reprimido, a algo que de fato não se possa realizar. Sobre esses desejos, a autora, ressalta que:

Para Freud há três origens possíveis: A) Restos diurnos não – satisfeitos, que foram despertados por algum motivo externo que não foi concretizado. B) Restos diurnos recalçados, que surgiram durante o dia, mas foram suprimidos. C) Desejos que nada tem que ver com a vida diurna, mas que surgem durante o sono. Há ainda uma quarta fonte de desejos oníricos, que são os impulsos decorrentes de estímulos noturnos (fome, sede, sexo etc.) (SILVA, 2012, p. 05).

Segundo o trecho acima, Freud, elenca quatro fontes de desejos refletidos no sono. De acordo com essa concepção, os sonhos são reflexo do cotidiano, seja por algo não concretizado, recalçado, desejos que surgem durante o sono e ou impulsos noturnos. Nesse sentido, a origem desses desejos pode ser proveniente do que acontece tanto durante o dia quanto durante a noite ou mesmo no instante de sono. Assim entendemos que os sonhos se constituem, de certa forma, como momento para realização de desejos, em um momento que o corpo se livra de qualquer julgamento em sociedade. Vejamos como acontece essa manifestação de desejos na narrativa:

A forma de ataque do vampiro, com penetração das presas no corpo, além de sugerir o contato sexual, evidencia uma outra necessidade básica do ser humano: a alimentação. Evidentemente, o vampiro consegue satisfazer as duas necessidades com apenas um único ataque. Mais do que isso, a sua sobrevivência depende da predação e que, por coincidência ou não, possui conotações sexuais. No romance “Carmilla”, a vampira costuma atacar as vítimas no peito (diferentemente da imagem consagrada por Bram Stoker com “Drácula”, ou mesmo pelo cinema hollywoodiano, o do ataque ao pescoço). Esse aspecto característico do comportamento predatório da vampira de Karnstein tem uma relação intrínseca e sugestiva com o ato de amamentação. Segundo Joan Copjec (2002, p. 52-53), o vampirismo consiste numa relação oral de prazer que é possibilitado pela sucção. Entretanto, esse ato também sugere o sentimento de ansiedade provocado pela inevitabilidade da “secagem da mama” (*the drying up of the breast*) e que, nesse caso, não indica apenas a ansiedade latente pela falta do leite, mas, acima de tudo, pela secagem da mama como objeto-causa do desejo (FROTA, 2013, p. 198).

A princípio, na segunda citação de Le Fanu (2018, p. 74), Carmilla se transforma em um animal selvagem, e nessa aparência de fera que ela atacava e furava com as suas presas como se fossem agulhas perfurando no peito da vítima. A partir disso, Frota (2013) nos reafirma que a ação da mordida sobre o seio de Laura e o da sobrinha do general, torna-se

evidente o ato sexual, o desejo da vampira se concretizando para com a suas vítimas, pois o seio é elemento representativo para a sexualidade feminina, é sinônimo do prazer e podemos compreender o contexto que Carmilla buscava esses ataques, dentro de um quarto a noite, tempo que está mais propício para realizar os desejos carnis, quando todos estão dormindo.

Portanto, o sangue saindo dos seios das suas vítimas é a representação da consumação do desejo carnal. Além disso, Chevalier & Cheerbrant (2019) nos diz que “O sangue corresponde, ainda, ao calor, vital e corporal, em oposição à luz, que corresponde ao sopro e ao espírito. Dentro da mesma perspectiva, o sangue – princípio corporal – é o veículo das paixões” (CHEVALIER & CHEERBRANT, 2019, p. 800). Desse modo, o sangue é símbolo da paixão que Carmilla sente em relação a Laura, fazendo da sua alimentação, um desejo, e do desejo, seus prazeres e assim, se satisfazendo sexualmente.

Ainda sobre a sexualidade, vemos que, desejo carnal de Carmilla é claro; ela a todo momento manifesta sua atração por Laura, porém não ultrapassa a barreira imposta entre as duas. Mas é durante seus ataques que ela pode realmente saciar seus desejos mais íntimos. Assim, Carmilla demonstra estar apaixonada pelas atitudes e conversas com Laura e isso não passa despercebido no trecho a seguir:

- Que romântica você é, Carmilla – disse eu. – Quando contar sua história, nela certamente haverá um maravilhoso romance.
Ela me beijou em silêncio.
- Tenho certeza, Carmilla, que você já esteve apaixonada, e que neste momento há um caso de amor em andamento.
- Nunca me apaixonei por ninguém, e nunca o farei – ela suspirou – a menos que seja por você (LE FANU, 2018, p. 40).

Nesse caso, podemos notar que Laura percebe um lado romântico de Carmilla, pois, ela não mede esforços para poder estar sempre a tocando e demonstrando seu afeto por ela. Portanto, quando Laura diz que Carmilla a beijou em silêncio, nesse momento não sabemos ao certo em que parte do corpo foi esse beijo; o trecho é implícito e não revela se o ato acontece no rosto ou até mesmo na boca, apesar de percebermos uma certa afeição e intimidade entre ambas. Laura não afirma que Carmilla está apaixonada por ela, porém, ao mesmo tempo que ela questiona, supõe que Carmilla está apaixonada e que nesse momento ela estaria envolvendo-se com alguém. Adiante, Carmilla afirma que nunca esteve apaixonada, mas que ela está sentindo essa afeição por Laura e assim podemos perceber que Carmilla, a vampira, declara-se sentimentalmente para Laura.

A declaração de Carmilla nos chama muito atenção. Compreendemos que ela chega até esse ponto por não ter mais receio da sua anfitriã. E dessa maneira, ao ser abordada, ela se abre falando que nunca se apaixonou e jamais isso acontecerá se não for por Laura. Carmilla,

por mais que aparentasse ser uma jovem de extraordinária beleza, é inteligente o suficiente para testar Laura os sentimentos e a reação de Laura diante da sua resposta.

Pelo fato de não poder ter momentos mais íntimos com Laura, Carmilla aproveita a noite, para poder atacar e se satisfazer:

Ao acordar após os sonhos, persistia a vaga lembranças de ter estado em um lugar muito escuro e de ter falado com pessoas que eu não conseguia ver. Havia uma voz feminina em especial, muito nítida, profunda e pausada, que parecia vir de longe e que produzia sempre a mesma aura indescritível de solenidade e medo. Às vezes, parecia sentir uma mão afagando-me de leve o rosto e o pescoço. Outras vezes era como se lábios cálidos me beijassem, mais demorados e ternos ao atingirem a garganta, onde se detinham. Meu coração se acelerava, a respiração subia e descia rápida, profunda, num arfar que depressa se convertia em sensação de estrangulamento, para dar lugar a uma convulsão horrível. Então meus sentidos me deixavam e eu desfalecia (LE FANU, 2018, p. 49).

Em vista disso, constatamos que a vampira de Karnstein se alimentava dos prazeres sexuais de Laura, esperando que essa dormisse para trazer durante o seu sono, pesadelo durante à noite, praticando seus desejos mais íntimos, tendo em vista que ela não podia manifestar quando sua vítima estava consciente. Sabemos que, o cenário social não permitia relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, por isso, Carmilla encontrava nesse ambiente sombrio, a liberdade de beijar Laura nos lábios e despertar seu desejo erótico, pois a vítima fala de estrangulamento e sabemos que esse ato pode ser compreendido de duas formas, o ato de matar o outro pela falta de respiração e o estímulo do prazer erótico, assim, sendo capaz de realizar todos os seus desejos em uma única vez.

Por fim, entendemos que a sociedade nos prende ao que somos e a vampira Carmilla de Karnstein transgride do contexto social da sua época, rompendo padrões femininos e sexuais da Era Vitoriana. Constatamos também que Carmilla é a primeira vampira lésbica da literatura, com isso usando das suas habilidades vampírescas para envolver Laura e fazendo da sua vítima mais uma das suas conquistas. Pois, como evidencia Oliveira (2016) em relação a sexualidade, em sua interpretação, segundo Carvalho (2009):

Segundo Fernanda Carvalho (2009), o vampiro é usado como uma metáfora para as incertezas das pessoas, tendo em mente não só questões relacionadas à humanidade, mas também à sexualidade, de modo que a liberdade ensejada diante de constrangimentos sociais, no que tange a normas a serem seguidas, torne-se também uma metáfora para a liberdade sexual. O vampiro passa a ser associado a papéis sociais e sexuais (OLIVEIRA, 2016, p. 90).

Destarte, o gótico, o vampiro e a sexualidade se assemelham, pois, cada um com a sua finalidade, fazem com o que, haja discussões no meio social, porque o gótico e o vampiro juntos têm a intenção de quebrar padrões, assim a sexualidade, de uma certa maneira, complementa, deixando a discussão mais abrangente. Portanto, como diz Oliveira (2016), “O vampiro passa a ser associado a papéis sociais e sexuais”.

Em suma, a novela dialoga com a moral social, e o desejo sexual e fundamentalmente com a sexualidade das personagens, assim, *Carmilla* retrata um relacionamento lésbico latente, ousado para os padrões da época, entre Laura e Carmilla. Portanto, nessa novela percebermos que os desejos femininos estão sempre presentes desde outras épocas, e desse modo a narrativa *Carmilla* tem a sua relevância por ser a primeira novela romântica vampiresca da ficção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o nosso entendimento, a sexualidade sempre foi uma ponte para a literatura, não só vitoriana, sempre esteve em estudos de outras épocas, como na Grécia antiga, e até mesmo na literatura francesa, como por exemplo, *120 dias de Sodoma* (1904) de Marquês de Sade, entre outras obras e meios literários. Nesse sentido, a representatividade sexual na literatura sempre esteve presente desde os seus primeiros escritos. Assim, quando o período vitoriano entrou em vigor, a sexualidade deixou de ser vista com a naturalidade em que se tinha em outros períodos, passando a tentativa de obedecer aos padrões que se impunha nessa Era.

Assim, as narrativas literárias possibilitam observarmos que o intuito do patriarcado é criar verdades absolutas e impor como se fossem uma doutrina a ser seguida por todos em uma sociedade. Contudo, sabemos que a literatura é transgressora, trazendo dessa maneira, obras como a do irlandês Joseph Sheridan Le Fanu, a novela *Carmilla* (1872), tornando-se a primeira obra gótica vampiresca que dá visibilidade a um ser transgressor, quebrando os padrões vitorianos, reconhecendo que Carmilla vai além dos preceitos da sociedade por ser lésbica e vampira.

A ficção gótica tem esse poder de ultrapassar limites impostos e como exemplo dessa transgressão, *Carmilla* desconstrói os valores sociais e desafia os valores morais da época. A novela aborda uma narrativa sombria, com uma vampira que procura relacionamentos amorosos com as suas vítimas que são todas femininas e diante disso a percepção que temos sobre lesbianismo na obra não é retratada de forma explícita, mas sim, implícita. Enfim, *Carmilla* nos possibilitou a identificar a construção de Laura como indivíduo e também sua descoberta sexual.

Em suma, o que destacamos aqui não é só o gótico e como este modo literário aborda o vampiro, mas uma vampira transgressora e lésbica que ultrapassa os limites que uma sociedade patriarcal e heteronormativa, como a Inglaterra Vitoriana, ditava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARPINEJAR, Fabrício. **Sexualidade**: história de repressão e mudanças, Mary Del Priore. Programa da série: “A sexualidade como ela é”. Publicado em 12 de dezembro de 2016. Café Filosófico CPFL. TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fnw7yB7tYkU&t=341s>. Acesso em: 17 de junho de 2019. Às 15h 49min.
- CHEVALIER, Jean, 1906 – **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier, Alain Cheerbrant, com a colaboração de: André Barbault... [et al.]; coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 32ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2019. Página 800. Consultado em 12 de novembro de 2019. Às 23h 55min.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. / Mary Del Priore. 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2006. Página 10. Disponível em: <http://files.anajatubaateniense-blogspot.com.webnode.com/200000269-43ddb44dc0/MaryDelPrioreHistriadoAmornoBrasil.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2019. Às 19h 49min.
- FERRAZ, Selma. Nova Revista Amazônica. **Vampiros**: o mito é o nada que é tudo e de todos . PPG Linguagens e Saberes da Amazônia, Bragança, Pará, 2013. Página 109. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6279/5036>. Acesso em: 20 de jun. de 2019. Às 20h 30min.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. /Michel Foucault. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José August o Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2019. Às 08h 00min.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **História da sexualidade 2**: O Uso dos Prazeres. /Michel Foucault. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de José August o Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940574/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-2-O-Uso-dos-Prazeres.pdf. Acesso em: 18 de julho de 2019. Às 10h e 22min.
- FRYE, Marylin. O que existe, o que vemos. In: **A política da realidade**: ensaios em teoria feminista. Tradução de Claudia Honijosa, 2006. Nova York: The Crossing Press, 1983. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/2002/06/06/ls-opinion.html>. Acesso em: 19 de julho de 2019. Às 23h 20min.
- FONTELLES, Mauro José; SIMÕES, Marilda Garcia. Et al. Universidade da Amazônia. **Metodologia da pesquisa científica**: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. A Amazônia, 2009. Disponível em: https://cienciassaude.medicina.ufg.br/Anexo_C8_NONAME. Acesso em: 06 de outubro de 2019. Às 14h 36min.
- GARCIA, Paulo César. MIRANDA, Olinson Coutinho. **A teoria queer como representação da cultura de uma minoria**. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Cachoeira, 2012. Página 08. Disponível em: <http://www3.ufrb>.

edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf. Acesso em: 04 de julho de 2019. Às 00h 40min.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. Consultado em: 05 de outubro de 2019. Às 15h 05min.

HENRIQUES, Thayane de Souza. A série the vampire diaries e a comunidade virtual diários de um vampiro. In: **The Vampire Diaries: Uma análise do comportamento dos fãs da série em meio a convergência mediática**. / Thayane de Souza Henriques. 2016. 41 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1323/1/THenriques.pdf>. Acesso em: 19 de novembro de 2019. Às 18h 09min.

JOHAN, Allan. **A homossexualidade na História** – da Antiguidade o século XIX. *Revista Lado A*. Curitiba, 2007. Disponível em: <https://revistaladoa.com.br/2007/11/noticias/homossexualidade-na-historia-antiguidade-ao-seculo-xix/>. Acesso em: 13 de julho de 2019. Às: 19h e 20min.

LE FANU, Joseph Thomas Sheridan (1814-1873). **Carmilla** – A vampira de Karstein (1872). Tradução e notas de Martha Argel e Humberto Moura Neto. – 1.ª Edição. – São Paulo: Via Leitura, 2018. Consultado em: 06 de junho de 2018.

LIMA, Maiane Paranhos de. PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. **Considerações sobre o gótico e seus reflexos na sociedade: uma leitura de Drácula**, de Bram Stoker. *Revista de Letras*. Curitiba. V. 20. N.º 31, jul./dez., 2018. Páginas 49 a 70. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/3273/5928>. Acesso em: 04 de junho de 2019. Às 20h 58min.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (Organizadora). Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, Bell Hooks, Richard Parker, Judith Butler. Tradução dos Artigos: Tomaz Tadeu da Silva. – 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2019. Às 07h 20min.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer / Guacira Lopes Louro. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Consultado em: 01 de junho de 2019.

MAIA, Marília Milhomem Moscoso. Memória, lesbianismo e esquecimento na obra *Carmilla*, de Joseph Thomas Sheridan Le Fanu. In: **Fronteiras do insólito: ensaios sobre o gótico e o fantástico** /Fernanda Aquino Sylvestre; Guilherme Copati (Organizadores). – Rio de Janeiro: Mares Editores, 2019. 437 p. Consultado em: 17 de agosto de 2019.

MARTINHO, Cristina Maria Teixeira. **A fantasia gótica e seus actantes históricos**. *Mosaico Revista Multidisciplinar de Humanidades*. Vassouras. V. 1. N.º 1, jan./jun., 2010. Páginas: 43 a 57. Disponível em: <http://editora.universidadevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/110>. Acesso em: 07 de junho de 2019. Às 21h 15min.

MATA, Giselle Moreira da. **As práticas “homossexuais femininas” na Antiguidade grega: Uma Análise da Poesia de Safo de Lesbos (Século VII A.C)**. *Alétheia - Revista de estudos sobre Antiguidade e Medievo*. Rio Grande do Sul. V. 1. Jan./jul., 2009. Páginas: 01 a 15. Disp

onível em: http://revistaale.dominiotemporario.com/doc/da_mata.pdf. Acesso em: 06 de agosto de 2019. Às 01h 09min.

MASKMIA, Maskmia. **Metamorfose**. Vampire The Masquerade – Fórum voltado para narração de vampiros e máscara. 2011
Disponível em: <https://the-vampire.forumeiros.com/t41-metamorfose>. Acesso em: 11 de novembro de 2019. Às 13h 44min.

OLIVEIRA, Luciana Andrea de. **Aspectos da literatura gótica na construção identitária da vampira Cláudia em *Entrevista com o Vampiro***: a sombra de mulher em um corpo de criança. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2016.
Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/LUCIANE%20ANDREA%20-%20VERSaO%20FINAL.pdf>. Acesso em: 09 de agosto de 2019. Às 00h 20min.

PEIXOTO, Andreia. **Literatura gótica**. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), Coordenação de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Faculdade de Ciências Sociais de Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2009. Disponível em: <http://edtl.fcsb.unl.pt/encyclopedia/literatura-gotica/>. Acesso em: 25 de junho de 2019. Às 23h 01min.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da. Et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. *Revista digital biblioteconomia e ciências da informação*. Campinas, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 05 de setembro de 2019. Às 01h 55min.

ROSA, Cristiano. **Os conceitos de 'Ser Queer'**. Disponível em: https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/08/blogs/cotidiano/questao_de_genero/380182-os-conceitos-de-ser-queer.html. Acesso em: 12 de setembro de 2019. Às 17h 58min.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Manifestações e configurações do Gótico nas literaturas inglesa e norte-americana**: um panorama. *ÍCONE - Revista de Letras*. São Luís de Montes Belos. V. 2. Julho de 2008. Páginas 55 a 76. Disponível em: https://www.academia.edu/14168294/Manifesta%C3%A7%C3%B5es_e_configura%C3%A7%C3%B5es_no_g%C3%B3tico_nas_literaturas_inglesa_e_norte-americana_um_panorama. Acesso em: 18 de junho de 2019. Às 22h 10min.

SANTOS, Giceli Ribeiro dos. **A relação homoerótica feminina na literatura brasileira**. *IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação* – Universidade do Vale do Paraíba. Feira de Santana, 2005. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2005/inic/IC8%20anais/IC8-5.pdf. Acesso em: 19 de agosto de 2019. Às 22h 44min.

SHAKESPEARE, William. Dayane Manfrere. Soneto 18. In: **Enquanto a chuva cai**. 2015. Disponível em: <https://enquantoachuvacai.wordpress.com/2015/03/14/soneto-18-shakespeare/>. Acesso em: 03 de outubro de 2019. Às 14h 49min.

SILVA, Alexander Meireles da. 1732: O ano em que os vampiros dominaram a Europa. In: **FANTASTICURSOS**: fantasia, gótico, horror e ficção científica pra sua vida e carreira.

Goiás, 2017. Disponível em: <https://fantasticursos.com/o-ano-em-que-vampiros-dominaram-a-europa/>. Acesso em: 22 de outubro de 2019. Às 16h 58min.

SILVA, Nathália Mikaelly Lindolfo da; FERREIRA, Vanessa de Lima. A (RE) LEITURA CINEMATOGRAFICA DE DRÁCULA. In: **O poder sexual no romance Drácula, de Bram Stoker, e o queer na adaptação filmica “Drácula de Bram Stoker”, de Francis Ford Coppola (1992)**. Paraíba, (no prelo).

SILVA, Giovana Rodrigues da. **O sonho e a psicanálise freudiana**. *Revista EnsiQlopédia – FACOS/CNEC Osório Vol. 9 – Nº 1 – OUT/2012 – ISSN 1984 - 9125*. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/ensiqlopedia/outubro_2012/pdf/o_sonho_e_a_psicanalise_freudiana.pdf. Acesso em: 12 de novembro de 2019. Às 18h 40min.

TERAPEUTA. Luiz Terapeuta. Instituto AHAU, terapeutas especializados. **PSICANALISE – DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS (SONHOS)**. 2012.

Disponível em: <https://ahau.org/psicanalise-dicionario-de-simbolos-sonhos/>. Acesso em: 11 de novembro de 2019. Às 15h 39min.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. / Organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3. ed. rev. e ampl. – Maringá: EDUEM, 2009. Página 219. Consultado em: 16 de novembro de 2019.